



Circular 11/2025

Assunto: Instrução Diocesana sobre a Celebração de Missas com Oração por Cura e Libertação
Bragança Paulista, 16 de outubro de 2025

1. Introdução

Nos últimos anos, têm crescido entre nós as celebrações apresentadas como “Missa com oração por cura e libertação”. Esse fenômeno manifesta um desejo profundo do povo de Deus de experimentar a misericórdia, o consolo e a força curadora do Senhor em meio ao sofrimento humano. Como pastores, somos chamados a acolher esse anseio com discernimento e caridade, ajudando os fiéis a compreender que a verdadeira cura brota da fé e da comunhão com Cristo, e não de práticas emocionais ou improvisadas.

“O homem é destinado à alegria, mas todos os dias experimenta variadíssimas formas de sofrimento e de dor. Por isso, o Senhor, nas suas promessas de redenção, anuncia a alegria do coração ligada à libertação dos sofrimentos (cf. Is 30,29; 35,19; Br 4,29). Ele é, de fato, ‘aquele que liberta de todos os males’ (Sb 16,8). Entre os sofrimentos, os provocados pela doença são uma realidade constantemente presente na história humana, tornando-se, ao mesmo tempo, objeto do profundo desejo do homem de se libertar de todo o mal (...). *(Instrução sobre as Orações para Alcançar de Deus a Cura, aspectos doutrinários, n. 1)*

À luz dessa visão cristã do sofrimento e da redenção, compreendemos que toda celebração eucarística é, em si mesma, ocasião de cura e libertação, pois nela o próprio Cristo se oferece ao Pai pela salvação do mundo e comunica aos fiéis sua graça redentora. Nosso papel pastoral é, portanto, orientar o povo de Deus a descobrir na Eucaristia o verdadeiro sacramento de cura interior e espiritual, evitando reducionismos sentimentais ou desvios litúrgicos.

Fundamentamo-nos no *Catecismo da Igreja Católica*, no *Código de Direito Canônico*, na Instrução da Congregação para a Doutrina da Fé *sobre as Orações para Alcançar de Deus a Cura*, na *Instrução Geral do Missal Romano* e em documentos do Magistério da Igreja sobre a Sagrada Eucaristia.

Segundo a Instrução da Congregação para a Doutrina da Fé sobre as Orações para Alcançar de Deus a Cura, “o bispo diocesano tem o direito de emanar para a própria Igreja particular normas sobre as celebrações litúrgicas de cura, conforme o cân. 838, §4” (Disposições disciplinares, art. 4, §1), e possui também o dever de “vigiar e dar as diretivas oportunas em ordem ao correto desenrolar das celebrações litúrgicas, para favorecer o que há de bom e corrigir o que deva ser evitado”.

À luz dessas disposições, o bispo diocesano reafirma sua missão de zelar pela autenticidade das celebrações e pelo fiel cumprimento da disciplina litúrgica, garantindo que toda oração pela cura física, espiritual ou emocional conserve o sentido eclesial e sacramental que lhe é próprio.

Assim, esta Circular busca oferecer critérios e normas claras para a Igreja Particular de Bragança Paulista, a fim de orientar os presbíteros e diáconos no exercício prudente e fiel do ministério pastoral, sobretudo nas celebrações em que se reza pela cura e libertação dos fiéis.

2. Fundamento teológico e litúrgico

2.1. Toda Missa é fonte de cura e libertação

A Eucaristia é “fonte e cume de toda a vida cristã” (*Lumen Gentium*, 11; *Sacrosanctum Concilium*, 10; CIC, cân. 897). Nela, Cristo se oferece ao Pai para a salvação do mundo, comunicando aos fiéis sua graça redentora. Portanto, toda Missa é, em si mesma, ocasião de cura e libertação, pois nela o Cristo Ressuscitado se oferece ao Pai para a salvação do mundo e transforma o ser humano integralmente, abrangendo corpo, alma e espírito.

Como ensina a Instrução da Congregação para a Doutrina da Fé (*Orationes ad obtinendam a Deo sanationem*):

“Realizando a Redenção mediante o sofrimento, Cristo elevou o sofrimento humano ao nível da Redenção.”

Assim, a verdadeira cura cristã não é mero alívio físico ou emocional, mas participação na obra redentora de Cristo.

2.2. O carisma de cura

O dom de cura (cf. 1Cor 12,9) é obra livre do Espírito Santo e não é prerrogativa permanente de nenhum ministro ou grupo. O celebrante, portanto, não pode induzir expectativas mágicas nem apresentar a celebração como ocasião “garantida” de milagres. A oração pela cura deve sempre estar subordinada à vontade de Deus e orientada à salvação integral da pessoa.

3. Normas disciplinares e práticas litúrgicas

As normas disciplinares constituem diretrizes fundamentadas na tradição da Igreja, com o objetivo de preservar o caráter sagrado das celebrações e promover a formação dos fiéis. O respeito a essas orientações contribui para evitar exageros e favorece a manifestação autêntica da graça divina. Quando o sacerdote conduz o rito conforme as normas estabelecidas, proporciona aos fiéis uma vivência enriquecedora, fundamentada na comunhão eclesial genuína.

3.1. Fidelidade aos livros litúrgicos

Essas orientações baseiam-se na Instrução da Congregação para a Doutrina da Fé (*Orationes ad obtinendam a Deo sanationem*, 2000) e no Missal Romano.

a) Durante a celebração da Santa Missa

Não se deve introduzir orações ou ritos de cura que não estejam previstos nos livros litúrgicos aprovados pela Igreja.

“Não é lícito inserir orações de cura (oração em línguas, gestos desconectados com a ação litúrgica...), na celebração da Santíssima Eucaristia, dos Sacramentos e da Liturgia das Horas” (art. 7, §1).

“É absolutamente proibido inserir orações de exorcismo na celebração da Santa Missa, dos Sacramentos e da Liturgia das Horas” (art. 8, §3).

Essas disposições têm valor universal. Elas não pretendem reprimir a dimensão carismática da fé, mas assegurar que a liturgia não seja transformada em um espaço de improviso ou teatralização. A celebração eucarística é um ato sagrado em si mesmo, plenamente eficaz como sacramento, independente da emotividade ou de elementos exteriores. Toda inserção alheia ao rito, mesmo que bem-intencionada, rompe a unidade do Mistério e compromete a comunhão da Igreja.

O próprio **Missal Romano** já prevê orações apropriadas **“Pelos enfermos”** (pp. 1119-1120), **“Pelos agonizantes”** (pp. 1120-1121) e **“Para pedir a graça de uma boa morte”** (pp. 1122-1123).

Nelas, o sacerdote encontra textos aprovados e riquíssimos para pedir a saúde dos doentes e a consolação dos aflitos, conforme orienta a *Instrução Geral do Missal Romano* (n. 352-363) e o n. 2 da *Instrução sobre as Orações para Alcançar de Deus a Cura*.

b) A oração pelos enfermos na Oração Universal

A oração pelos enfermos pode e deve estar presente na Oração Universal (Preces dos Fiéis), de maneira sóbria e comunitária. (*cf. disposições disciplinares, art. 7, §2 e art. 9*)

A intercessão pela cura durante a Missa ocorre de forma adequada na Oração dos Fiéis, quando a assembleia e o sacerdote pedem pelas necessidades da Igreja e do mundo. As orações pelos enfermos e os que sofrem espiritualmente são feitas nesse momento, com sobriedade e fé.

c) Após a Santa Missa: oração por cura e libertação

É permitido, após a Santa Missa, realizar um momento de oração por cura e libertação, desde que claramente distinto do rito da celebração eucarística, conduzido com discernimento, dignidade e sem artificialidade, teatralidade, sensacionalismo ou espetáculo.

“As orações de cura não litúrgicas realizam-se com modalidades diferentes das celebrações litúrgicas” (art. 7, §2; art. 9).

Essa distinção é pastoralmente muito importante: a oração carismática não é proibida, mas precisa de um lugar próprio. A Igreja reconhece o valor dos momentos de súplica e intercessão, desde que não se confundam com o sacrifício eucarístico.

d) A competência do bispo diocesano

Compete ao bispo diocesano regular e autorizar celebrações desse tipo em sua diocese, garantindo que se evitem abusos e se promova a verdadeira fé. (*cf. cânn. 381 e 839, §2; disposições disciplinares, art. 5, §1*)

Nenhum sacerdote pode promover, por conta própria, “missas de cura” ou eventos semelhantes sem a devida autorização.

e) Evitar o espetáculo e a exibição pessoal

É vedado o uso de elementos que transformem a liturgia em espetáculo, show ou ocasião de exibição pessoal, para não esvaziar o significado autêntico da Eucaristia. (cf. Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos, *Instrução Redemptionis Sacramentum*, n. 78)

A *Redemptionis Sacramentum* adverte contra toda forma de protagonismo, teatralidade, ou manipulação emocional. A liturgia é “obra de Cristo e da Igreja” (SC 7), não de um animador ou grupo específico.

3.2. O uso do Santíssimo Sacramento

O chamado “passeio” com o ostensório, passando o Santíssimo sobre os fiéis ou aproximando-o de indivíduos, não faz parte de nenhum rito aprovado pela Igreja, portanto, seja evitado. Tal prática, embora emocionalmente impactante, banaliza o Mistério Eucarístico e cria confusão sobre a natureza da presença real de Cristo, que não “atua por gestos mágicos”, mas pela fé e pelos sacramentos celebrados validamente.

Se os fiéis desejam rezar pela cura, o padre pode expor o Santíssimo Sacramento de modo solene, conduzir uma adoração com silêncio, canto e proclamação da Palavra, e encerrar com a Bênção Eucarística conforme o ritual.

Recorda o Papa Bento XVI:

“A adoração eucarística é o prolongamento visível da Celebração Eucarística.” (Sacramentum Caritatis, 66)

3.3. Emoções e afetos na liturgia

A liturgia envolve todo o ser humano, inclusive os afetos, mas não pode reduzir-se à busca de emoções momentâneas. (cf. *aspectos disciplinares*, art. 5, § 3).

O Papa Francisco adverte:

“Corre-se o risco de reduzir a liturgia a uma vazia subjetividade, se não acolher o mistério cristão.” (Desiderio Desideravi, 24)

E Papa Bento XVI complementa:

“A liturgia não é um fazer humano; onde prevalece a exploração da emoção, perde-se de vista o essencial: o Mistério Pascal.” (Sacramentum Caritatis, 38)

Assim, as emoções genuínas devem acompanhar a fé, sem serem confundidas com o próprio ato da Graça. A autenticidade se manifesta por meio da conversão e do novo modo de vida decorrente da celebração.

4. Discernimento pastoral e dimensão humana

4.1. Reações emocionais e fisiológicas

A fé cristã é encarnada: envolve o ser humano em todas as suas dimensões, abrangendo: espiritual,

psíquica e corporal. Deus não se comunica apenas ao espírito, mas alcança toda a pessoa, assumindo a realidade humana em Cristo.

Como ensina o Concílio Vaticano II:

“O mistério do homem só se esclarece verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado.” (Gaudium et Spes, 22)

Por isso, toda experiência de fé autêntica mobiliza também o corpo e as emoções. Em celebrações intensas, é natural que a oração, a música e os gestos simbólicos despertem reações físicas e emocionais: liberação de dopamina, serotonina, endorfina e adrenalina, substâncias que o sistema nervoso central produz diante de fortes estímulos de esperança, beleza ou comoção.

Essas respostas são legítimas, expressam a participação da pessoa inteira, **mas não se identificam com a ação da graça.**

A ação do Espírito Santo não se reduz a uma emoção sensível; a verdadeira cura cristã é a conversão e a libertação interior (cf. 1Jo 4,1).

Pastoralmente, é importante reconhecer:

- o valor humano do consolo e da esperança que tais experiências trazem;
- a necessidade de discernimento para não confundir emoção com graça;
- o risco de formar uma “espiritualidade hormonal”, dependente da sensação.

O Papa Francisco recorda que nem toda consolação vem de Deus. É preciso distinguir entre a consolação autêntica, suave e profunda, e as falsas consolações, que são passageiras, barulhentas e centradas no próprio eu.

“Devemos distinguir bem a consolação que vem de Deus das falsas consolações. A autêntica é como uma gota sobre a esponja: suave e íntima. Já as falsas consolações são mais vistosas e entusiásticas, mas deixam o coração vazio. Procurar as consolações de Deus é diferente de buscar o Deus das consolações.” (Audiência Geral, 23 nov. 2022)

O Papa Francisco adverte que a falsa consolação pode se tornar perigosa quando se transforma em um fim em si mesma, fazendo-nos buscar sentimentos religiosos e não o próprio Deus. Assim, o discernimento pastoral exige formar os fiéis para que não busquem “sentir algo” na liturgia, mas encontrar Cristo vivo, cuja graça age de modo silencioso, profundo e transformador. Como ensina São Bernardo, “devemos buscar o Deus das consolações, não as consolações de Deus”.

4.2. Formação e acompanhamento

O sacerdote é chamado a educar o povo para uma espiritualidade madura, na qual o encontro com Cristo não depende da emoção, mas da fé e da perseverança.

É oportuno promover catequeses e formações sobre a dimensão cristã do sofrimento e sobre o sentido

pascal da cura.

5. Testemunhos e prudência

Quando surgirem testemunhos de cura, é necessário recolhê-los com discernimento e prudência, evitando publicidade sensacionalista.

A Diocese deve ser informada sobre eventos extraordinários, para que se possa verificar sua autenticidade e evitar abusos.

6. Orientações finais e linguagem pastoral

- a) Não utilize a expressão “Missa de Cura e Libertação” em cartazes ou redes sociais. Para celebrações de oração por cura, organize-as fora da Missa, como celebração da Palavra, adoração ao Santíssimo ou encontros de oração.
- b) Incentivar o uso das orações litúrgicas próprias do Missal Romano.
- c) Garantir a formação permanente das equipes litúrgicas, músicos e ministros da Palavra.
- d) Orientar os fiéis a buscar os sacramentos da Penitência e da Unção dos Enfermos como lugares privilegiados da graça de cura espiritual.

7. Conclusão

“Quanta necessidade temos de recuperar o sentido do mistério, tão vivo nas liturgias, que abrangem a pessoa humana na sua totalidade, cantam a beleza da salvação e suscitam o enlevo pela grandeza divina que abraça a pequenez humana! E como é importante redescobrir (...) o sentido do primado de Deus, o valor da mistagogia, da intercessão incessante, da penitência, do jejum, do pranto pelos pecados, próprios e de toda a humanidade (penthos), tão típicos das espiritualidades orientais! Por isso, é fundamental valorizar as vossas tradições sem as diluir, talvez por praticidade e comodidade, para que não sejam corrompidas por um espírito consumista e utilitarista” (Papa Leão XIV, Discurso aos Participantes no Jubileu das Igrejas Orientais, 14.05.2025).

A Missa é sempre encontro com Cristo que salva, liberta e cura.

As orações por cura e libertação, quando realizadas em conformidade com a disciplina e a tradição da Igreja, podem ser ocasião de grande bem espiritual. Cabe a nós, presbíteros e diáconos, zelo pastoral e fidelidade litúrgica, para que o povo de Deus seja conduzido não ao espetáculo da emoção, mas à profundidade do mistério pascal.

“Filho, não desanimes na doença, mas reza ao Senhor e Ele curar-te-á.” (Eclo 38,9)

Que as disposições emanadas nesta Circular sejam respeitadas e cumpridas.


Dom Sérgio Aparecido Colombo
Bispo Diocesano de Bragança Paulista